



DANIEL GONÇALVES

*poemas do tempo claro das coisas
(sussurrados de novo)*

Textos da juventude (1990-1994)

*os teus olhos iniciam
a névoa doce do amor*

*colhem as palavras do horizonte
para espantar o silêncio*

*e são eles que nos falam
das coisas que havemos de viver*

*parece que no alpendre da nossa casa
as contradanças do outono
acordam finalmente o tempo*

*é hora de pentear as videiras – diz a aura d'ouro –
e nos lábios atizar as palavras maduras*

*hora de conversar com os anjos
tempo de habitarmos as coisas doces*

*trarás o alecrim e os melros
para não ficarmos completamente sós?*

*queria nos teus olhos
um reflexo ténue
a flor-de-laranjeira*

*a tua virgindade
longe deste mundo*

*das sombras de sede
que apenas procuram
um vestido*

*em redor da flor
por certo estarão as marcas
do pólen por colher*

*aromas dispersos
intenções recolhidas
insinuando o abandono*

*e um ondular
desligado de qualquer curva
numa dança hirta*

*a cor mais triste
hasteada
na saudade*

*defloras o violoncelo
do crepúsculo*

*e esses dedos repletos
soltam graves murmúrios
lentos sinais
cansadamente engrossando
o ar*

*existe humidade e heras
no pensamento
distante*

*uma embarcação
prestes a fender a noite*

*renovar o doce cântico
e nunca deixar
o teu mel escapar da língua*

*assim
com flores banhar-te os lábios*

*pétala a pétala
anulando a sede
adoçando a vida*

*deriva:
mamífero solto
na sombra cega
da água*

*linhas infindáveis
na mágoa do sul*

*os sentidos
imperceptíveis
do sal
do olhar*

*pela bonina
menina
solar fina*

*as passadas
pesadas
da alma*

*saíram pela janela
para ser mais
bela
a calma*

*morna promessa
em uma baía caída ao mar
em um adeus na flor
da praia*

*és longe
horizonte de longe
luz de longe*

*a saudade
é uma tulipa tão graciosa*

*diz às mãos
que a água vai chegar*

*em vento a sede chora
e os pobres milhafres também*

*quem avisa?
ai quem?*

*agitado e equestre
este voo
de golfinhos:*

*mais de cem linhas
de vento
aumentando a sede
insular*

*não sei
onde colocar
este gerânio
sinal de húmus
ou de silêncio*

*vejo estas ondas
com os teus segredos de lume*

*a névoa sussurrante
das enseadas
o silêncio enternecido da
lonjura*

*recebo nas mãos
as areias dispersas
tuas estrelas mareantes*

*a linha inconstante do horizonte
a febre da espera
no desfiar do vento*

*podias trazer a saciedade
pela porta destapada
da rebentação*

*podias esquecer a mão
e não ensinar
a clave alada
da saudade*

*ou permanecer indelével
primeiríssima boca
do mar*

*sei de um rio
de planura
onde deitar a mágoa
do frio*

*sei do fundo
dos alvéolos
nos pés do oceano*

*a imensidão:
cabeleira dos ventos
para esquecer o
barro da tristeza*

*sente o verso da
rebentação
a perecível promessa de duna*

*sente a distância
na funda lonjura
da calma*

*porque não te vestes de basalto
e aguardas
de umbigo aberto
o naufrágio do
silêncio?*

*com a formosura da tarde
e o calor
do basalto
até que pelos joelhos
dê a lucidez*

*a acidulada costura da
distância
espalha-me com versos
de vento*

*dormi cinco
noites*

*em todas
os braços se
cansaram*

*em todas
fora grande
a ânsia da
aurora*

*em todas
foras grande*

*na constelação
do sonho*

*deixo viver os priôlos
eternamente no céu*

*e na terra
visto as hortênsias
com o mar mais azul*

*os dragoeiros com o fogo precioso
da lava*

*para que os nossos olhos
não gastem tempo em memórias*

*e o futuro seja este instante
precioso*

*não trago água
me anulo numa brisa de
libélula*

*digo: fui quem todas as
as horas à primavera
bebeu*

*onde ficam os joelhos dobrados
e o
chão repleto de hortênsias?*

*estar silêncio
com os cedros emprestados
do sul*

*na imensa constelação
da espera*

*a primavera em mim
foi uma cotovia
da manhã*

*havia velas lilases
uma simpatia serena*

dizendo o lá fora

*na boca da praia
na boca do mar
quero estar entre
sem me molhar*

*na boca da praia
quem me vem salgar?
não quero a espuma
saliva do mar*

*quero ser árvore
entre a praia e o mar
e esperar
e esperar*

*no limiar
dos passos
se move a incerteza*

*como dizer-te
horizontal*

*tu
meu fio e fim?*

*está tudo ainda
no areal firme*

*à beira vento
quase abraço*

*acaso e brevidade da
respiração*

*está tudo ainda
permanentemente solúvel
freme e hesitante
nas mãos do teu olhar*

*alguém escuta
a limpidez do adágio minguante
a lamparina flebil
da saudade
nas pupilas?*

*serás primeiro
que a rebentação da humidade
na albaurora*

*uma claridade
dorida de
dispersão*

*o itinerário primogénito da
luz que se desata*

*porque nesta tarde sem fernando pessoa
as escadarias frias
lentas
quase dadas à obliquidação*

*onde amparar os desenfreados rastros
da chuva?*

*que mão instrumenta o
silêncio
com que vens atravessando
ó sombra*

?

*diz a manhã
enquanto se apressa
a ir redonda outra vez
com a tempestade*

*a qualquer instante
virão as janelas do céu
emprestar ao chão as incertezas
a horizontalidade
da monção*

*na ilha do sul
beijei-te e tu
me beijaste quase ao
mesmo tempo*

*a chuva que
aflorou
sobejava da boca?*

*corremos
nem tudo trouxemos
embora*

*esta falésia
traz
a tua presença*

*fortíssima
formação de luz*

*como se à boca viesse um sabor
perdido na fundura do
ventre do tempo*

às vezes penso sem palavras
uma incontável mão cheia de coisas

são retratos de sílabas não exactamente sílabas
os espaços a ocupar entre silêncios
como balões do avesso
a mostrar a linha da respiração

é engraçado como dentro de mim
fico preso suturando balões
como quem conversa e parece ter conversa
tudo na mesma mesa
sobre o mesmo tempo vazado a linho

como se não acreditasse nos cotovelos
pela linha agonizante do sussurro
aproximam-se talheres e cerâmicas de dizer
e preencho as folhas do branco
mil e trezentas folhas
muitas muitas folhas

e penso que sou feliz
porque nada digo
nem uma letra consinto
nem uma

alguém disse que a estrada tem pedras
pedras nas duas vias
que o pó se desata
sempre que o destino se move

que ela se alarga lentamente
até não mais parecer uma estrada
com duas vias que têm pedras
e pó que se desata

mas as silvas sabem bem
que a estrada continua a mesma estrada
sempre a mesma
só as pedras e as vias são mais
e o pó se desata mais longe

alguém disse que a estrada
é a via sacra do destino e que ele
leva na superfície a marca das pedras
e nos glóbulos do peito
o pó que desatou

*chora nos meus braços
minha filha de outono*

*essas lágrimas têm inocência
não podes dizê-las
não sabes
que o sal que têm
do fio do sol não vieram*

*chorarás porque te sentes feliz
e não sabes estar feliz calada
metida no teu algodão*

*disseram-me
um dia
virás à água como vais à sede*

*igual à tua vontade
calada
igual por onde te trazes seguro
à fonte*

*disseram-me
os copos que trazes
só te ajudarão a mentir*

*a limpidez que procuras
é que te procurará*

*e a ribeira que nasce e não tem foz
na sua direcção perdida
só se fecha no céu*

*a tua pele tem a sílaba que sonhei
juntar à água nas flores
a imprecisão exacta do cheiro
que sendo verde não denuncia
preferência alguma por abril*

*consegues ou não permanecer nua
enquanto te olho e desce sobre a
janela a luz amanhecida e a
consciência da respiração gotada?*

*precisava de sobreviver assim
quieto de mim na tua atitude mineral
lisamente profanando
os olhos tristes no peso do sono*

*digó-te mesmo assim
o meu sinal
as raízes para me
seguíres*

*não te ouvi temer a minha ausência
o teu pesar
o teu ventre de dor*

*a tua lira
na tua mão fechada*

*afirmo o meu braço
diante da distância
para quando
te levatares do chão*

*tiveste tua cintura
livre
na indecisão da palavra
como uma ave no outono
a morrer presa ao céu*

*não têm senão os nocturnos
e a sensação fugidia
do ar cortado pelos outros*

*dançam como cegos
as suas invenções coloridas
como frutos
a rebolar dos dedos da ramagem
aos lábios do chão*

*sentem um rasto na tela
pincelada para dizê-los brancos além
do silêncio*

*ainda sei o lugar
a marca donde disseste uma
mágoa aguada*

*na elevação do silêncio
ainda percebo o momento
do chão*

*é lá que algumas
si la bas
esperam o regresso*

*e o regresso é a poesia do aceno
o aceno que me leva à estrada
de que as andorinhas
têm falado*

*está quase a entrar pelo bolso materno
e eu olho-o com uma meiga tristeza
não sei se vou chorar
não sei se vou voar*

*sei que entrará a noite e que o dia
só amanhã será outra vez
não sei se estarei nesta janela
sei que o sol se vai entregar
mesmo que não o siga como agora*

*se soubesse onde ia estar a esta hora amanhã
talvez não apreciasse tanto este momento*

*talvez seja por isso que não me permito desperdiçar
um lenço que seja da tua presença
porque está aqui continuamente
mesmo que esteja amanhã e eu o saiba
como me sei nesta janela
enquanto o sol está cada vez mais próximo de ti
e tu mais próxima de mim*

*trago essa cotovia pela mão
sempre que sublime a ousadia do sono
insinua cansar a tris do sonho*

*dói-me apagar as cores
as tintas vivas de junho
ver o cansaço
subir as escadas do altar*

*onde termina esse malabarismo
pórtico para entrar chopin?*

*o escritor morre a escrever
o escravo morre sem se ter
a tinta sabe de antemão que vai secar
e a rima
essa vai ficar por rimar*